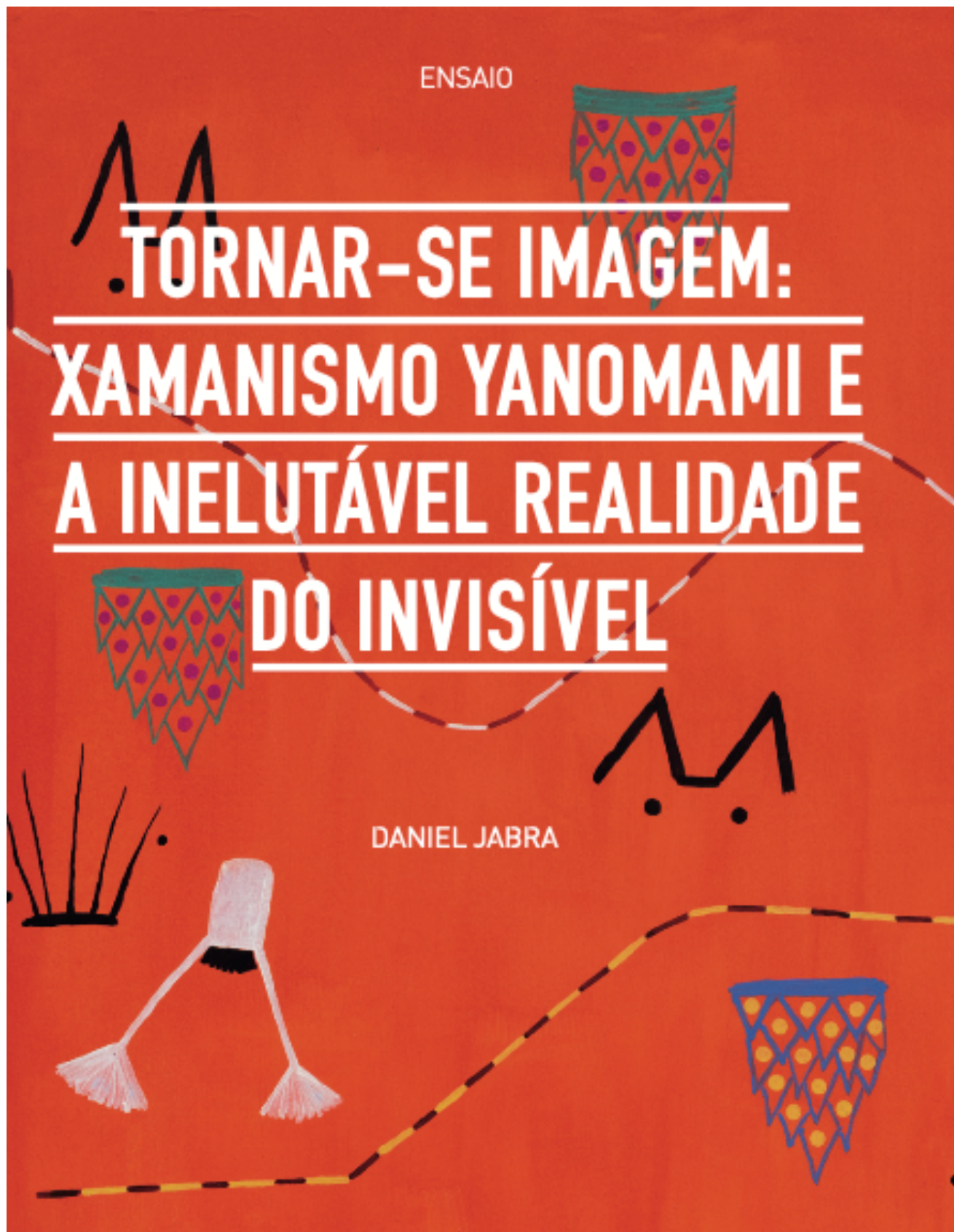


Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawe Hakihiiwe



Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawë Hakihiwë



No Uhuti [Solo Imagen] (2023),
de Sheroanawë Hakihiwë

Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawe Hakihiiwe



Quando os espíritos xapiri pẽ descem à casa dos xamãs, é assim que são seus caminhos. Eles andam somente pelos caminhos de suas florestas, eles não andam pelos nossos caminhos (2003), de Joseca Yanomami

Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawë Hakihiwë

TORNAR-SE IMAGEM

29

NOS DESENHOS DE JOSECA YANOMAMI, SHEROANAWË HAKIHIIWË E TANIKI YANOMAMI, REALIDADES COEXISTEM EM REGIMES DISTINTOS DE IMAGEM

O QUE ACONTECE QUANDO A IMAGEM DEIXA DE SER REPRESENTAÇÃO E PASSA A SER REALIDADE? ARTISTAS COMO JOSECA YANOMAMI, SHEROANAWË HAKIHIIWË E TANIKI YANOMAMI DESPONTAM NA CENA DA ARTE CONTEMPORÂNEA COM TRABALHOS QUE SÃO FREQUENTEMENTE APRESENTADOS COMO “REPRESENTAÇÕES” DA COSMOLOGIA E DO XAMANISMO YANOMAMI. Porém, há uma dimensão fundamental em suas produções que faz com que adquiram uma potência singular: eles partem de uma noção de imagem radicalmente distinta da nossa.

A compreensão ocidental de imagem é baseada na premissa de que uma imagem é sempre representação de alguma coisa; ela é “talhada no tangível”. Pressupõe a existência de um referente anterior, exterior e independente dela, de forma que a imagem ocupa um lugar secundário em relação ao real. Mesmo quando a arte abandona a representação figurativa, essa estrutura permanece e a imagem continua sendo concebida como algo produzido para dar forma a um mundo previamente existente. É essa noção que o pensamento yanomami e, consequentemente, os artistas desse povo nos convidam a deslocar, suspender ou até abandonar.

A ontologia e cosmologia yanomami são fundadas no conceito de imagem, mas de forma alguma nos sentidos da figuração ou representação. Há uma relação fundamental entre imagem (*utupë*) e princípio vital (*pei a nẽ utupë*), pois todos

os seres humanos e não humanos possuem uma imagem, que Davi Kopenawa chama de “o verdadeiro interior” dos seres:

Todos os seres da floresta possuem uma imagem *utupë*. São essas imagens que os xamãs chamam e fazem descer. São elas que, ao se tornarem *xapiri*, executam suas danças de apresentação para eles. São elas o verdadeiro centro, o verdadeiro interior dos animais que caçamos. São essas imagens os animais de caça de verdade, não aqueles que comemos! São como fotografias destes. Mas só os xamãs podem vê-las. A gente comum não consegue. Em suas palavras, os brancos diriam que os animais da floresta são seus representantes (Kopenawa; Albert, 2015, p. 116).

Utupë é o termo que foi utilizado pelos yanomami quando se depararam pela primeira vez com as nossas representações figuradas e que, então, passou a ser traduzido como “imagem” pelos etnólogos. Mas essa palavra circula por um campo semântico extenso, podendo designar diversos modos de extensão e projeção das coisas e seres, como reflexo, sombra, duplo, miniaturas, estátuas, fotografias e filmes. E também designa o princípio vital dos seres e a dimensão xamânica da terra-floresta. É impossível fixar uma tradução para *utupë*, pois ela não corresponde a uma categoria estável e é justamente essa multiplicidade dimensional de seu significado que a impede de ser reduzida ao conceito ocidental de imagem.

Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawe Hakihiiwe

30

Sem título (1978), de Taniki Yanomami

Não é apenas uma diferença linguística, mas ontológica. Como afirma Davi Kopenawa, aquilo que os não xamãs chamam de animal não é o verdadeiro animal, mas apenas sua pele visível. Seu verdadeiro interior permanece invisível aos olhos comuns, de forma que os animais caçados não passam de representantes de suas imagens (*utupë*): os ancestrais animais do tempo das origens (*yaroripë*). Ou seja, são as imagens invisíveis os verdadeiros entes, e não o contrário. Essa inversão é talvez uma das contribuições mais radicais do pensamento yanomami para uma reflexão sobre a imagem.

TUDO É IMAGEM

Enquanto o pensamento ocidental compreende a imagem como derivação do ser, para os yanomami é o ser que deriva dela – ela é a razão, ou causa, da existência dos seres e das coisas. No entendimento yanomami, a pessoa é composta pela sua dimensão material (*pei siki*, literalmente a pele ou o invólucro corporal) e sua dimensão imaterial (*pei ũuxi*, termo que pode ser traduzido como o interior). Esse interior metafísico é então composto por quatro componentes: *pei pihi*, o pensamento consciente, intelectual e as emoções; *pei a nẽ porepẽ*, o valor de espectro; *pei a nẽ rĩxĩ*, o duplo animal; e, finalmente, *pei a nẽ utupẽ*, o valor de imagem ou princípio vital.

A imagem não representa uma realidade exterior, ela é uma dimensão tangível da realidade. Não existe, portanto, uma oposição entre realidade e representação – a imagem é parte imbricada nos seres, mas pode se desprender do corpo físico (*pei siki*) durante os sonhos, adoecimentos ou na morte. Quando uma pessoa adocece, por exemplo, a causa do adoecimento é primeiramente atrelada a um ataque ou roubo de sua imagem (*pei a nẽ utupẽ*), de forma que a cura deverá ser realizada através de sua imagem. Durante os sonhos (*mãri tẽhẽ*), é a imagem da pessoa que se desloca em verdadeiras jornadas pelo cosmos e pelo tempo.

O invisível não corresponde a um mundo imaginário, mas a um plano dimensional onde os seres humanos e não humanos existem em sua forma primordial e são dotados de agência, ou seja, exercem intencionalidade, sendo capazes de produzir afetações e passíveis de afetabilidade. A dimensão xamânica, que é a dimensão das imagens, é o plano onde se encontram as formas primordiais dos seres: os *xapiri pẽ*. Eles são as imagens (*utupẽ*) dos ancestrais animais do tempo das origens, mas também de personagens mitológicos, entidades cósmicas, árvores, rios, montanhas, fenômenos atmosféricos, ou seja, praticamente tudo o que compõe a terra-floresta yanomami em suas dimensões visíveis e invisíveis. Tudo tem imagem e, na dimensão xamânica, tudo é imagem, pois imagem é um estado ontológico.

O trabalho do xamã não consiste em interpretar símbolos ou produzir visões; o xamanismo yanomami é, antes de tudo, a capacidade de “tornar-se imagem”. A própria iniciação xamânica é o processo de transformação radical do corpo do xamã para que ele possa acessar uma dimensão normalmente inacessível às pessoas comuns: a dimensão de *utupẽ*. Através da iniciação xamânica, dos sonhos e do consumo da *yãkõana*, o xamã passa a adquirir a capacidade de se tornar imagem, de entrar em estado de espectro e assim acessar a dimensão dos *xapiri pẽ*, dos seres-imagem.

Os *xapiri pẽ* são seres reais que coexistem nessa dimensão das imagens e só podem ser vistos por aqueles que detêm a capacidade de acessá-la, ou quando os próprios *xapiri pẽ* se fazem ser vistos em sonhos ou aparições. Aos xamãs, não é reservada apenas a capacidade de enxergar os seres-imagem; não se trata meramente da transformação das condições de percepção, mas sim de uma transformação do estado dimensional. Os xamãs detêm a capacidade de transitar entre as múltiplas dimensões da terra-floresta e fazer o seu corpo ser o condutor entre elas. Em suas sessões xamânicas, eles convocam e “fazem descer” (*ithomaĩ*) os seres-imagem, que então baixam das costas do céu e de lugares longínquos cantando e fazendo suas danças de apresentação, que não são representações, mas a presentificação do estado de imagem.

Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawe Hakihiiwe



Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawe Hakihiiwe

Ārōkohiri a, espírito da árvore Jatobá
(*Hymenaea parvifolia*) (2003),
de Joseca Yanomami

32



A casa dos espíritos xapiri pë. Assim são as casas dos espíritos de nossos grandes e verdadeiros xamãs. Aqui onde nós vivemos é a base da casa dos espíritos xapiri pë, e lá no céu está o topo da casa dos espíritos, que ultrapassa as costas do céu. Lá no alto desta casa ficam alguns espíritos xapiri para proteger. Se algum espírito violento vier na sua direção, eles logo vão ver. Mas a casa dos espíritos é ainda mais alta e em seu topo mesmo está Paxoriwë, espírito do macaco-aranha. Lá ele fica segurando a ponta da casa para não deixá-la balançar. Dentro dessa casa vivem todos espíritos xapiri pë, lá no alto, onde a casa está enfeitada de plumas. Assim são as casas dos espíritos xapiri pë (2025), de Joseca Yanomami

**UTUPË É O TERMO QUE FOI UTILIZADO
PELOS YANOMAMI QUANDO SE DEPARARAM
PELA PRIMEIRA VEZ COM AS NOSSAS
REPRESENTAÇÕES FIGURADAS E QUE, ENTÃO,
PASSOU A SER TRADUZIDO COMO “IMAGEM”
PELOS ETNÓLOGOS**

FOTOS: CORTESIA DO ARTISTA E FONDATION CARTIER POUR L'ART CONTEMPORAIN, PARIS; FILIPE BERNDT
CORTESIA DO ARTISTA E GALERIA ALMEIDA & DALE

Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawe Hakihiwë



33

OS DESENHOS COMO “PELES DE IMAGEM”

A visão xamânica revela aquilo que sempre esteve presente na dimensão das imagens (*utupë*), e o que os artistas yanomami têm feito em suas obras é produzir um diálogo entre concepções distintas de imagem, a da dimensão xamânica e a nossa. Esse é o sentido fundamental que torna tão singulares as produções de Joseca Yanomami, Sheroanawë Hakihiwë, Taniki Yanomami e também Ehuana Yaira e outros jovens artistas yanomami. Seus desenhos não procuram apenas ilustrar essa cosmologia e converter o invisível em uma imagem acessível ao olhar comum. Joseca afirma que seus desenhos são “peles de imagem” (*utupë siki*), ou seja, ele estabelece uma diferença entre o desenho que produz e a *utupë*, de tal modo que a imagem, no sentido yanomami, continua pertencendo ao domínio acessível exclusivamente aos xamãs. Seus desenhos são imagens das imagens: são a pele através da qual elas se aproximam de nossa percepção sem jamais se reduzirem à representação. Não se trata de duas representações distintas da mesma realidade, mas de realidades e regimes distintos de imagem que passam a coexistir.

Assim como fazem os xamãs ao servir de suporte vivo dos seres-imagem *xapiri pë*, por meio da arte os yanomami fazem descer as imagens daquela dimensão (*utupë*) para

uma outra, a das “peles de imagem”, sendo os desenhos as peles visíveis de uma realidade invisível para nós. Seus desenhos não oferecem uma versão visual simplificada da cosmologia yanomami, mas instauram uma aproximação possível com uma forma de existência cuja experiência permanece irreduzível ao olhar dos não xamãs. O papel e a tela constituem uma superfície na qual algo dessa dimensão inacessível pode aparecer ou se manifestar e, assim como as imagens *utupë*, os desenhos se projetam e passam a viajar para lugares longínquos e desconhecidos em exposições mundo afora.

É nesse horizonte que a produção dos artistas yanomami deve ser compreendida. Seus desenhos não documentam um conhecimento; eles participam de um modo de pensar no qual a imagem constitui uma força motriz da realidade. A potência de suas obras reside justamente nessa recusa da representação e na busca por aproximar o espectador de uma ontologia em que as imagens são agência, e não representação. Talvez seja essa a principal contribuição dos artistas yanomami para a arte contemporânea, nos forçando a deslocar a categoria ocidental de imagem, revelando seus limites e abrindo nosso pensamento para compreendermos a inelutável realidade do invisível. ■

Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawe Hakihiwe



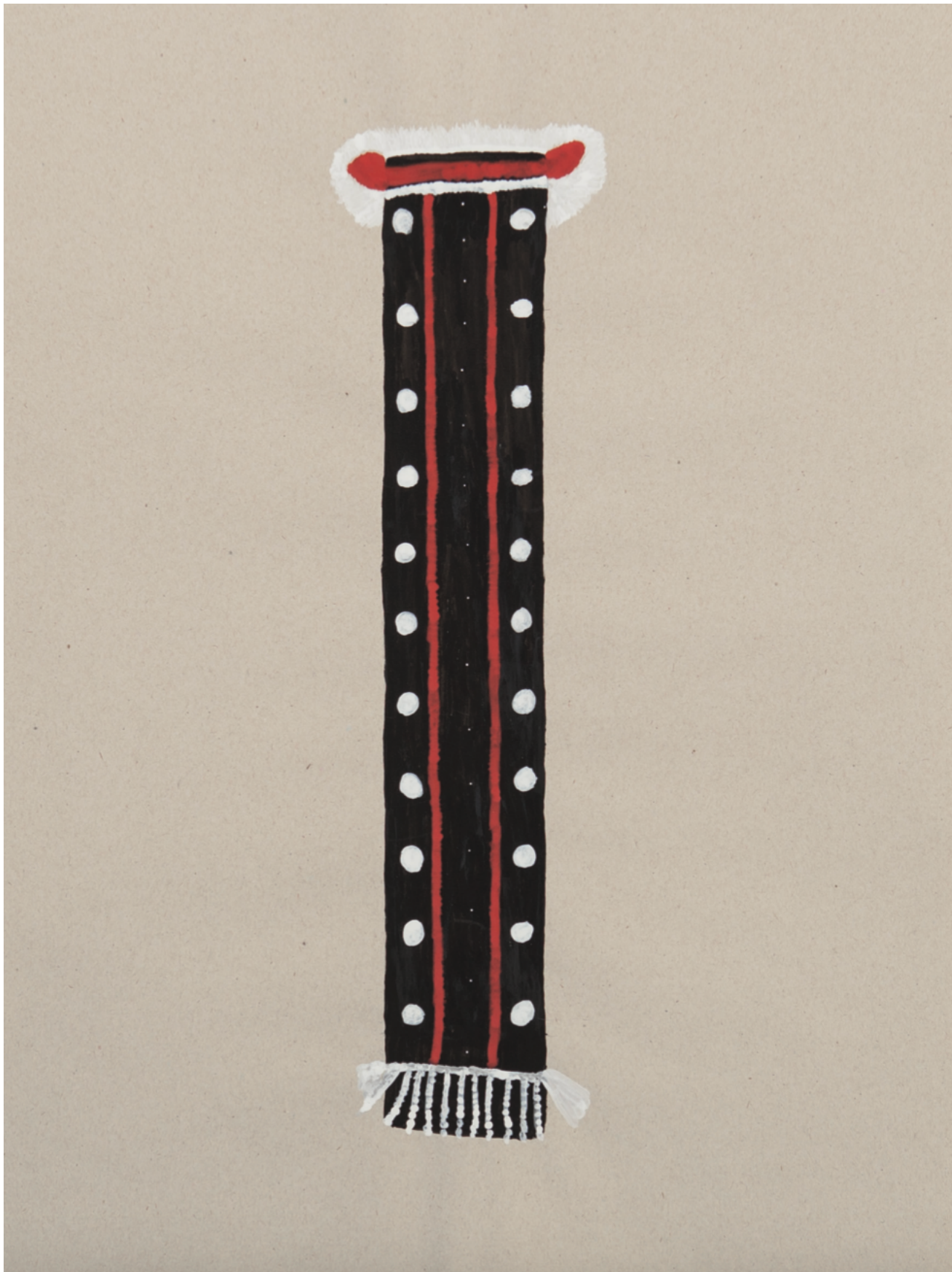
Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawe Hakihiwe



Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawe Hakihiwe



Título Tornar-se imagem: xamanismo yanomami e a inelutável realidade do invisível
Data Setembro 2026
Publicação Celeste

Autor Daniel Jabra
Artista Sheroanawe Hakihiiwe

TORNAR-SE IMAGEM

37

SÃO AS IMAGENS INVISÍVEIS OS VERDADEIROS ENTES, E NÃO O CONTRÁRIO. ESSA INVERSÃO É TALVEZ UMA DAS CONTRIBUIÇÕES MAIS RADICAIS DO PENSAMENTO YANOMAMI PARA UMA REFLEXÃO SOBRE A IMAGEM

Omayari Nahi [Palo de Espíritos Dañidos] (2018),
de Sheroanawe Hakihiiwe

ALBERT, Bruce. Yanomami: Back to the Image(s). In: FONDATION CARTIER POUR L'ART CONTEMPORAIN. *Fondation Cartier pour l'Art Contemporain: 30 Ans: Volume 2, Album (1984-2014)*. Paris: Fondation Cartier pour l'Art Contemporain, 2014, p. 237-248.

DIDI-HUBERMAN, Georges. *O que Vemos, o que Nos Olha*. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *Yanomami, l'Esprit de la Forêt*. Paris: Fondation Cartier pour l'Art Contemporain; Arles: Actes Sud, 2003.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A Queda do Céu: Palavras de um Xamã Yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

ALBERT, Bruce; KOPENAWA, Davi. *O Espírito da Floresta*. São Paulo: Companhia das Letras, 2023.

MACHADO, Ana Maria; JABRA, Daniel. Yanomami: A Arte como Luta. *Revista celeste*, São Paulo, 13 maio 2024.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *O Visível e o Invisível*. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

MOURA, Marcelo. *Traduzindo Políticas: Lideranças, Associações e a Representação Política entre os Yanomae do Rio Demini (AM)*. 2026. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

SENLE, Marília Garcia. *Poderes e Fragilidades na Circulação de Imagens dos Yanomae*. 2025. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Universidade Federal de Roraima, Boa Vista, 2025.

VEGA, Valéria. *Ardem as Imagens: Dispositivos Yanomami de Retorno e Retomada no (Contra-)Arquivo Fotográfico de Bruce Albert*. 2026. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2026.

NOTA SOBRE AS REFERÊNCIAS E AGRADECIMENTOS

Este ensaio foi construído a partir do diálogo entre referências bibliográficas, produções artísticas e conversas com colegas e artistas yanomami. As publicações que fundamentam o ensaio encontram-se reunidas em seguida. Agradeço especialmente a Joseca Yanomami e Bruce Albert pelas conversas valiosas e pela generosidade com que compartilham seu conhecimento e suas reflexões sobre arte e xamanismo. Agradeço a Marcelo Moura, Marília Senlle e Thiago Benucci pela leitura cuidadosa e pelas trocas. Agradeço também a Paula Alzugaray pelo convite e provocação para transformar algumas de nossas conversas em texto.